

O mundo não acabou

» MAURÍCIO MELO JÚNIOR
Jornalista, escritor e presidente do Instituto Casa de Autores

Estávamos reunidos com a missão de resgatar um projeto cultural, a Festa Literária de Pirenópolis, a Flipiri, suspensa, como quase tudo nesta vida, pelos dissabores da pandemia de covid-19. Mantínhamos o ânimo, apesar dos noticiários anunciarem tantas mazelas, tantas mortes, tantas dores. Buscávamos um tema que levantasse a poeira e desfizesse o clima pesado, a tensão que pairava — e ainda paira — sobre o mundo.

Minha inspiração, nesse momento, lembrava uma antiga música do cancioneiro popular, composta por Assis Valente, em que Carmem Miranda proclama: “Anunciaram e garantiram / que o mundo ia se acabar. / Por causa disso a minha gente / lá de casa começou a rezar”. E saía ela vivendo seus últimos momentos, tratando de se despedir, beijando a boca de quem não devia e até dançando samba em traje de maiô para, decepcionada, concluir: “e o tal do mundo não se acabou”.

Aí estava nosso grito de esperança: o mundo não acabou. Seguindo a lição de Assis, não valia a pena distribuir beijos nem sambar em roupa de banho. Restava a nós, pretensos saltimbancos, reinventarmos a felicidade.

Hoje, do alto de quase dois anos de agonia, a esperança, mesmo capenga, está viva. Com espanto e um riso no rosto vejo o vicejar, ainda modesto, mas animador, da literatura. Não chegamos à glória de ter filas nas portas das livrarias, como aconteceu na França diante do fechamento geral imposto pela pandemia, um sonho para quem deseja viver num país de leitores, uma referência ao velho Monteiro Lobato que advertiu: “Um país se faz com homens e livros”.

Há anos que acompanho, por curiosidade e ofício, o mercado livreiro e assisti a muitos altos e baixos. Não posso dizer que sou escritor em tempo integral. Devo isso a Ferreira Gullar, que carrega de batismo o nome de José Ribamar Ferreira. Em uma conversa, contava que, sempre quando lhe perguntavam se era ele o poeta Ferreira Gullar, respondia: “Nem sempre, pois é impossível ser poeta 24 horas por dia”.

A literatura é ciumenta e gosta de desprezar quem não lhe dedica tempo e paixão. Está intimamente ligada ao mundo do livro, mas também não é de todo fiel a ele. Sobre tudo agora, nestes tempos modernos, tem se esgueirado por frestas cibernéticas, conquistando outras plataformas de expressão. No entanto, apesar da alta capacidade de resiliência dessa senhora, insisto em dizer que o livro, em seu tradicional formato de papel, surgiu lá pelos idos da Idade Média, ainda é uma tecnologia insuperável. Daí nossa briga para criar mais e mais leitores apaixonados por abrir um livro e sentir seu cheiro e tatear



a leve aspereza de suas páginas.

Nessa luta, colhemos boas notícias. Na pandemia, segundo dados divulgados pela Câmara Brasileira do Livro, cresceu a venda de livros em todo o país. Parece que a necessidade de ficar em casa fez com que a reflexão servisse de abrigo e muitos se voltaram para a leitura e essa outra sedutora senhora não perdeu a oportunidade de envolver novos vassaloes.

As discussões se ampliaram para outras temáticas. O debate sobre o racismo, por exemplo, voltou à tona. Na verdade, nunca deixou de circular em nossas letras. Lima Barreto e Carolina de Jesus, que sempre salientaram a carga de discriminação social que o racismo traz em si, são provas consistentes. Não se pode esquecer, entretanto, as vozes de Abdias Nascimento e Adão Ventura, de erves mais revolucionárias, renovadas no presente por Jefferson Tenório, ganhador de vários prêmios literários, e Itamar Vieira Júnior, ganhador do prêmio Leya de 2018 com romance *Torto arado*, que vendeu, só no Brasil, mais de 400 mil exemplares. Um feito.

A voz feminina também vem se elevando com uma força cristalina. Aliás, em seus primórdios mais recônditos, nossa literatura começou com uma voz feminina e negra. A professora Maria Firmina dos Reis, em 1859, publicou no Maranhão o romance *Úrsula*. Claro que o gesto abriu caminho para tantas outras autoras, de Júlia Lopes de Almeida, que esteve na lista da primeira formação da Academia Brasileira de Letras, mas foi barrada por ser mulher, a Carmen Dolores, escritoras que estão sendo resgatadas na importantíssima coleção *Escritoras do Brasil*, lançada pelo Conselho Editorial do Senado Federal.

Enfim, essas foram as pioneiras de uma corrente que se firmou com Cecília Meireles, Clarice Lispector, Maura Lopes

Cançado e tantas outras. Elas podem ser consideradas mães de escritoras como Tatiana Salem Levy, Clara Arreguy, Susana Fuentes, Carol Bensimon, Natalia Borges Polesso, Maria Esther Maciel, Lúcia Bettencourt, uma lista longa. Essas mulheres vêm dando novos rumos às nossas orientações literárias. Sem rancores feministas, se impõem pela consistência da arte.

Não acredito, enfim, que haja uma literatura feminina. Também não creio em uma literatura afrodescendente. Se essas vozes hoje se impõem, o fazem por suas qualidades. Guardo da leitura de *Torto arado* um cantar de revivência do sentido comunitário de um quilombo, de uma comunidade que teve que se reinventar no cotidiano para ir além do coitadismo, do discurso apiedado. Recentemente li o romance *Vista chinesa*, de Tatiane Salem Levy. Um texto dolorido que parte de um trauma profundo surgido na euforia de um grande acontecimento festivo no Rio de Janeiro. E toda festa se esvai na realidade mais dura e cruel. E tudo dito com firme doçura, além de um profundo senso psicológico.

São livros que se impõem pela qualidade, enfim. Claro que essa qualidade resulta num aquecimento do mercado. Depois do baque da falência, ou quase, de gigantes como a Livraria Cultura e Livraria Saraiva, ele, o mercado, precisava de ajustes. E isso está acontecendo. O movimento de inauguração de pequenas livrarias nas cidades turísticas, como Goiás, onde surgiu a Livraria Leodegária, batizada em homenagem a uma poeta local, anuncia o restabelecimento de outros projetos.

Aqui em Brasília foi aberta uma filial da Livraria da Travessa e está se modulando uma filial da Livraria da Vila. Várias pequenas livrarias de quadra, como a Livroteca StoryTime, dedicada à literatura infantil, em Águas Claras, surgem dia a dia.

Na verdade, temos o que comemorar. A pandemia doeu e dói em todos nós, mas trouxe lições de humanismo que devemos guardar em nossas paixões. O mundo não acabou e, em gratidão a este sentido de sobrevivência, devemos resistir. Resistir sempre, ao lado de nossos mais caros desejos.

Resta dizer que a 11ª. Flipiri foi um sucesso. Obedecendo a todos os protocolos sanitários, em setembro último, ouvimos Toquinho cantar e falar de Vinicius de Moraes, aprendemos resiliência com Rossandro Klinjey e muitas histórias contamos, discutimos literatura e nos divertimos e nos encantamos. E aprendemos que, diante do fim do mundo, só nos resta resistir. Com muitos livros e muitas leituras.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

A barca do inferno

Para os cidadãos que usam os olhos para enxergar além das aparências e usam esse sentido para ler a realidade em seu entorno, mesmo as palavras escondidas ou omitidas pela censura bruta, clamam em silêncio pela verdade. Se um dia todas as palavras do mundo fossem exiladas num planeta distante, restando apenas imagens borradas, impressas em fotos antigas, ainda assim toda uma enciclopédica história humana poderia ser levantada dos arquivos empoeirados de fotografias.

Não é por outra razão que se diz que uma imagem fala mais que infinitos textos. Por isso mesmo é que a ninguém é dado o direito de esconder da população, mesmo por medo ou outros motivos menos nobres, os ardis e as perfidias que contra ela vão sendo organizadas pela elite no poder. Está tudo impresso em imagens mudas, mas que muito revelam. Compactar com essas tramas, fazendo ouvidos de mercador, é contribuir, ao seu modo, para que o mal cresça e crie raízes.

Na verdade, não há muito mais o que dizer sobre nossa realidade nacional nesses dias que correm. Basta fixar os olhos em algumas fotos e outras imagens que circulam nesse oceano midiático da internet para entender o que se passa no país e em outras partes deste planeta. Está tudo aí, bem debaixo de nosso nariz, impresso em cores vivas.

Quem se der ao trabalho, neste fim de ano, de refletir sobre fotos mostrando encontros, reuniões, confraternizações, almoços, pretensos seminários e outros convívios realizados não nas concorridas madrugadas da capital, mas em plena luz do dia, pelas mais altas autoridades desse país, pode constatar, sem maiores esforços do intelecto, que estamos todos a bordo de uma nau à deriva. Não uma nau qualquer, mas embarcados numa alegórica barca, muito semelhante a que foi concebida pelo dramaturgo português, Gil Vicente, em *Auto da Barca do Inferno*, escrita e encenada no ano de 1517.

As semelhanças e até as confusões entre uma fantástica realidade, imaginada há cinco séculos em Portugal, e o nosso cotidiano exibido em fotos são tão precisas que até parecem se tratar de uma continuação, em outro tempo e lugar, da famosa peça vicentina. O uso de instituições do Estado para perseguir e intimidar adversários políticos pode ser conferida em foto.

Também pode ser atestado em fotos, dessas que as antigas colunas sociais estampavam diariamente nos jornais, um jantar reunindo os mais famosos escritórios de causídicos desse país, todos eles autênticos janotas, metidos nos mais caros ternos de grife, com seus relógios de ouro a marcar o tempo mais valioso que há, homenageando, sem rubor, um ex-detento, desobrigado de cumprir sua pena e, agora, candidato ao mais alto posto do país.

Estão todos ali, reunidos contra as leis e contra operações do tipo Lava-Jato, que ousaram prender os clientes do exclusivíssimo clube das Prerrogativas. Vê-se em fotos também um mandatário a passear com seu jet ski, sem culpa ou remorso, pelas praias do Sul e do Sudeste, enquanto o estado da Bahia submerge em enchentes históricas, com dezenas de mortes e milhares de desabrigados.

Aqui na capital, em Lisboa, Paris e outros pontos do planeta, as imagens se repetem, mostrando sempre personagens conhecidos da nossa República, todos eles com a boca recheada dos mais finos acepipes e vinhos, alegres e sem culpa. Mal sabem eles que no país já está atracada da Barca do Inferno, cujo capitão é o próprio capiroto que, do leme, grita: “embarcai todos vós” que “rapinastis coelhorum et pernis perdigotorum”.

» A frase que foi pronunciada

“Grande é a verdade, mas ainda maior, do ponto de vista prático, é o silêncio sobre a verdade. Simplesmente não mencionando certos assuntos... os propagandistas totalitários influenciaram a opinião de forma muito mais eficaz do que poderiam com as denúncias mais eloquentes.”

Aldous Huxley

Sem discurso

» Com sangue turco, o ministro da Agricultura da Alemanha, Cem Özdemir, tomou posse nesse mês. Seguiu alguns carros de comitivas até o Palácio Bellevue de bicicleta. Deu o recado.

Falha

» A cada ano, a Vara de Execução no DF consegue bater recorde de arrecadação. Usa o SisBacen para bloquear até conta salarial, o que é contra a lei. Nenhuma pesquisa é feita antes do bloqueio. O infeliz que se vire para reaver seu salário suado de volta.

Consumidor

» Clientes reclamam do Toscanello na 111 Norte, Plaza Mall. Uma data de vencimento na embalagem externa e outra na embalagem interna. É bom ficar de olho.

» História de Brasília

Deverá estar de volta no próximo mês, o sr. Jânio Quadros. Fugiu do governo numa hora em que devia sustentar suas ideias. Embarcou para a Europa com medo, levando toda a família, inclusive a netinha, e agora volta para perturbar. Mas a democracia lhe dará nova oportunidade para que o povo o julgue melhor. (Publicada em 16/02/1962)

A falácia da privatização do refino se evidencia

» WILLIAM NOZAKI

Coordenador-técnico do Instituto de Estudos Estratégicos de Petróleo, Gás e Biocombustíveis (Inep) e professor da Escola de Sociologia e Política de São Paulo (Fesp)

A Petrobras, na esteira da redução do preço internacional do barril de petróleo, finalmente fez um movimento de retração do preço da gasolina no último dia 14 de dezembro. A estatal anunciou uma queda de 3% do preço do derivado em todas as suas refinarias. Entretanto, essa ação da companhia não foi seguida pela Acelen, do Fundo Mubadala Capital, nova operadora da refinaria da Bahia, ex-RLAM rebatizada de Refinaria de Mataripe. O fato confirma uma percepção já apontada pelo Inep: a privatização do refino não necessariamente significará maior concorrência e menores preços para o mercado brasileiro.

O preço do barril do petróleo, que superou a casa dos US\$ 85 no final de outubro, apresentou queda no começo de dezembro, voltando ao patamar próximo de US\$ 70. Esse movimento diluiu as expectativas de crescimento acelerado do preço para 2022 e deu um certo alento para aqueles que se preocupavam com maiores pressões inflacionárias para o ano que vem.

No caso do Brasil, a Petrobras repassou a queda do preço do barril em linha com a sua PPI (Preço de Paridade de Importação). A redução de 3%, embora não tenha acompanhado a redução de mais de 10% do barril

do petróleo, permitiu à empresa se aproximar do preço de paridade de importação. Isso porque, nos últimos meses, a estatal vinha fazendo reajustes com um prazo mais longo, criando períodos intertemporais de descasamento com relação aos produtos importados. Essa alteração já se refletiu em algumas localidades que são abastecidas essencialmente por refinarias da Petrobras.

Caso o barril do petróleo continue com uma trajetória descendente, a Petrobras deve promover novas quedas nos preços, se não houver uma desvalorização cambial significativa. Todavia, esse movimento não está ocorrendo no caso da Bahia, onde a estatal concluiu a venda da sua primeira refinaria.

A nova proprietária, a Acelen, indicou em 15 de dezembro que não reduziria os preços dos seus combustíveis, mas, passados três dias, a refinaria anunciou um reajuste similar ao da estatal brasileira. Isso indica que a empresa dos Emirados Árabes deve seguir, de forma atrasada, o comportamento da empresa brasileira.

Com isso, ela deve esperar a consolidação dos movimentos da estatal para decidir como vai gerenciar seus preços. Isso mostra como a privatização da refinaria não deve ter nenhum impacto no preço dos derivados. Pelo contrário, a Acelen tende a mimetizar

as decisões da Petrobras.

Além da demora para praticar os reajustes de preço, a Acelen já demonstrou que também adotará uma nova estratégia para a refinaria, visando ampliar as margens do negócio. A empresa deixou de fornecer bunker oil para as embarcações a partir do Terminal Madre de Deus, pois o fornecimento a navios e os equipamentos para essa operação não foram incluídos no contrato de privatização.

O caso da ex-RLAM é emblemático das falácias por trás da privatização do refino da Petrobras. O ativo foi vendido abaixo do seu preço de mercado e para um fundo estatal, contrariando os argumentos que tratam as privatizações sempre como um bom negócio e as empresas estatais sempre como más instituições. Além disso, por se tratar de um monopólio regional, a nova empresa operadora deve adotar a própria política de preços e de definição do portfólio de derivados.

Por todos esses motivos, se evidenciam como a privatização e a desnacionalização não levam a maior concorrência, não asseguram menores preços para os consumidores e não garantem o abastecimento do mercado interno. Esse modelo expõe o mercado brasileiro aos riscos de descoordenação, desabastecimento e inflação de combustíveis.